

Um Dia Chego Lá, Enquanto isso?!

Description

Maldivas ParadisÁaca

Os frequentadores mais assÁduos deste espaÁço estÁo cansados de saber que um dos sonhos deste blogueiro Á acompanhar *in loco* o circuito da Liga Mundial dos Surfistas Profissionais. Deve ser mesmo muito chato essa histÁria de rodar o planeta atrÁs de praias como as da costa da AustrÁlia, dos Estados Unidos, da África, da IndonÁsia, de Portugal e de França. A parada no Taiti Á a mais invejada e Á uma pena que Fiji tenha saÁdo da rota para entrar aquela piscina no Texas criada por Kelly Slater e pela WSL. Tem gente que ganha dinheiro para ir a esses lugares. E hÁ patrocinadores que levam alguns felizardos, como o casal Tatiana Weston-Webb (nossa representante feminina nas OlimpÁadas de TÁquio ao lado de Silvana Lima na estreia do surfe em 2020) e o namorado JessÁ Mendes, para conhecerem as Maldivas, outro destino paradisÁaco.

A bem da verdade, a brincadeira de seguir o circuito pode sair muito cara atÁ para quem vive disso. Para aqueles que, ainda que sejam atletas conhecidos, nÁo estÁo no topo da elite do esporte e nÁo faturam os 491,600 dÁlares em premiaÁÁo que o Átalo Ferreira embolsou o ano passado, hÁ uma grande batalha. Para participar dos eventos, o sujeito precisa ter disponÁvel ao menos 100 mil dÁlares a serem gastos por conta prÁpria em passagens, alimentaÁÁo e hospedagem. Á o que contam. Tanto que alguns dos 40 surfistas da Liga, especialmente aqueles que nÁo estÁo tÁo bem ranqueados (e que nÁo contam com patrocinadores, portanto), necessitam recorrer ao improvÍso buscando o auxÁlio dos amigos com a famosa vaquinha para fazerem frente a esse gasto.



Tento contornar minha sede por praias, indo passear todo verão em Búzios. Desta vez, estive por lá na companhia daquele que é alexandrino até no nome, Olavo Bilac dos Guimarães Bilac (•Olavo Bilac: Obra Completa•, Nova Aguilar, 1997), de Claude Lévi-Strauss (•Tristes Trópicos•, Companhia das Letras, 2019) e dos autores selecionados por Júlio Tavares para a coletânea •Páginas de Sombras: Contos Fantásticos Brasileiros• (Casa da Palavra, 2003). Sim, senhores, também tenho (e não são poucas) minhas deficiências, omissões, lacunas de leitura. Livros que não conheci quando devia ou que repousavam na estante aguardando que os tirasse de lá para deambular por aí.





Não tinha dado a devida atenção à antologia que Bráulio Tavares com todo o cuidado organizou para o segmento da literatura fantástica brasileira. Impressionante como o escritor paraibano tem coisas a dizer sobre o assunto. Ajudado por Borges, ele lembra que o realismo (aquela invenção que Tom Wolfe diz ter sido tão fundamental para o romance na segunda metade do século XIX quanto a descoberta da luz elétrica foi para nossas vidas) não passa de uma excentricidade recente, pois o fantástico foi a linguagem preferida dos escritores do mundo inteiro, em todos os tempos. É certo que dentro da concepção ampla do gênero em sua vertente brasileira apontada por Bráulio cabem autores e obras tão diversos quanto Mario de Andrade e seu *Macunaíma*, Guimarães Rosa e seu *Grande Sertão: Veredas* e mesmo Carlos Drummond de Andrade, que está entre os escritores selecionados para a antologia, com o conto *Flor, Telefone, Moça*.

Há contos de autores contemporâneos como o companheiro de rotina de nado livre na BodyTech 2 Rubens Figueiredo e a contista Heloisa Seixas que parece ter tomado gosto pelo assunto (tanto assim que traduziu anos depois *O Poço* e *O Pãndulo*, de Poe). Uma parcela significativa da coletânea saiu de autores do final do século XIX e começo do XX. Coelho Netto, Aluísio Azevedo e Machado de Assis representam bem o que seria o fantástico para a geração do Oitocentos. Acima de tudo, há nessa miríade de autores uma interessante variação em torno do tema da literatura fantástica, que nos leva à escrita refinada de Origenes Lessa e de Lygia Fagundes Telles, em dois contos átimos.

â??DemÃˆniosâ?•, o conto-quase-novela de AluÃˆsio de Azevedo, que fecha a antologia, narra indiretamente a rotina dos poetas e escritores brasileiros de sua Ã©poca que se sentavam todos os dias com seus bicos de pena Ãˆ escrivantina para redigir seus textos, algumas vezes em um quase breu. Talvez por isso, Olavo Bilac, por exemplo, gostava de trabalhar das 5 Ãˆ s 10 da manhÃˆ, antes de dar sequÃˆncia ao seu dia que se encerrava no final da tarde na porta da Colombo na rua GonÃ§alves Dias, local para onde mudou-se para beliscar, beber e ser admirado pelos fÃˆs, depois de brigar com o dono da Confeitaria Paschoal na rua do Ouvidor.

E foi em meio a uma de suas manhÃˆs de trabalho que ele recebeu Paulo Barreto, ou JoÃ£o do Rio, em sua residÃˆncia na rua Dois de Dezembro, na mesma casa em que Bilac foi seduzido pela espiÃˆ francesa Eduarda Bandeira atrÃˆs dos planos do dirigÃˆvel de JosÃ© do PatrocÃˆnio. Ao contrÃˆrio do passa fora que deu na sedutora e aventureira Eduarda, o poeta conversou contente da vida com JoÃ£o do Rio tratando sobre a sua famosa ourivesaria na preparaÃ§Ãˆo de seus caprichados versos. Versos que segundo Mario de Andrade, que os ouviu serem recitados em encontros sociais, ficavam ainda mais belos na voz do autor.



De Bilac saltamos algumas dÃ©cadas e chegamos ao professor que inaugurou a cÃ¡tedra de antropologia no CollÃˆge de France. Uma surpresa constatar que foi um capricho do destino que levou LÃ©vi-Strauss a abraÃ§ar a antropologia e a vir ao Brasil conhecer, registrar, documentar, a histÃ³ria de tribos como os Nambiquara, os Bororo, os Tupi-CavaÃba. A experiÃˆncia seria central para delinear os caminhos que marcariam a antropologia e fixariam a etnogrÃˆfica como uma ciÃˆncia. A visÃˆo depreciativa da paisagem do Rio de Janeiro mencionada por Caetano Veloso em â??O Estrangeiroâ?•, se deve menos a uma tipificaÃ§Ãˆo de fato do que a uma manifestaÃ§Ãˆo contrariada de alguÃ©m

que esteve por pouco tempo por aqui e que rumaria para se estabelecer em São Paulo.

Susan Sontag no ensaio "O Antropólogo como Herói", em que resenhou "Tristes Trópicos" (resenha publicada na *The New York Review of Books* em 1963), coloca o livro ao lado dos relatos autobiográficos de Montaigne em seus ensaios e de Freud, em "A Interpretação dos Sonhos". Nos diz a escritora americana ainda que "[...]" a antropologia, para Lévi-Strauss, é um tipo intensamente pessoal de disciplina intelectual, assim como a psicanálise. O estágio de trabalho de campo é o equivalente exato do treinamento de análise por que passa um candidato a psicanalista. Em seu ensaio, Sontag comenta também que, para o autor de "Antropologia Estrutural", seu nascente campo de pesquisa deveria ser entendido como uma ciência e não como um campo de estudo afim aos estudos especulativos da área de humanas. Engratado como Lévi-Strauss vai endossar essa percepção de sua obra apoiado em Saussure e na escola Jakobsoniana que teriam colocado, segundo ele, as pesquisas linguísticas em um patamar próximo ao dos estudos em ciências exatas.

Foi de um telefonema de uma pessoa com quem não tinha muita afinidade que Lévi-Strauss recebeu a proposta de se "entregar ao exótico, ao estranho, ao outro", típico de poetas, romancistas, que, como observa Sontag, partiram para conhecer a Ásia, o Oriente-Médio e a América. Para a ensaísta, "Lévi-Strauss inventou a profissão do antropólogo como uma ocupação totalizante, aquela que envolve um comprometimento espiritual como a dos artistas criativos ou dos aventureiros ou do psicanalista". Sua estadia no Brasil foi um verdadeiro ritual de iniciação. Parece difícil encontrar alguém que se prontificaria a passar pelo que ele passou em prol de sua profissão e do que ele entendia como ciência.

["Alexandrino" no ofertório da família Veloso](#)

Category

1. Viagem

Date Created

2020/01/30

Author

kikopedrosa